

Globalização, Educação e Resistência

As transformações das últimas duas ou três décadas da história da humanidade são tão significativas que é possível dizer que passamos a viver num mundo diferente daquele predominante em praticamente toda a trajetória do século XX. Com efeito, de uma realidade centrada na soberania dos Estados-nações passamos, muito rapidamente, a uma realidade planetária, a formação de um sistema-mundo, a uma realidade interdependente e globalizada.

Neste deslocamento político foram fundamentais a conformação da chamada sociedade do conhecimento (ou da informação) e a hegemonia das idéias neoliberais. A conformação da sociedade do conhecimento impulsionou a multiplicação dos canais de comunicação e transformou o mundo numa espécie de aldeia global (tudo está conectado, o tempo todo, em todos os lugares). Por isso, a Terra tornou-se um só e único mundo e os principais problemas da humanidade adquiriram o *status* de questões globalmente interligadas.

O neoliberalismo fortaleceu as estruturas econômicas e mercantilizou as diversas esferas da vida humana. Além disso o neoliberalismo, ao defender um Estado mínimo, fragilizou a estrutura dos Estados-nações e restringiu a regulação social a espaços extremamente restritos. Neste sentido, aumentou a autonomia dos mercados (trans)nacionais e fortaleceu a atuação das empresas em diversas áreas dominadas até então pela intervenção estatal (via privatização). Por fim, incentivou a livre concorrência dos mercados mundiais e estabeleceu o consumismo como único e defensável padrão civilizatório.

Estas transformações tiveram grande impacto sobre a educação. Por um lado, criou-se a necessidade de novas aprendizagens (além de saber fazer e saber conhecer), em especial a de saber conviver com a diversidade e de ser uma pessoa melhor (aspecto positivo). De outro, fortaleceu-se a educação para a reprodução das relações capitalistas e incentivou-se a Universidade/Escola a funcionar segundo os padrões do mundo empresarial, com os mesmos códigos, critérios de avaliação e valores predominantes (aspecto negativo).

Devido a este segundo aspecto, o objetivo da educação deixou de ser a formação de cidadãos conscientes de seu papel social e de seus compromissos com um mundo melhor. Por isso, o que se tornou dominante foi a formação de profissionais práticos e inseridos na lógica de sua auto-reprodução. Assim, a prioridade passou a ser a formação de um grande contingente de mão-de-obra qualificada, eficiente e, se possível, barata e submissa ao novo modelo de produção. Compreende-se, desta forma, a valorização, cada vez maior, da educação profissional e o predomínio, quase que absoluto, do saber instrumental sobre o saber reflexivo.

Neste novo contexto, o que devem fazer os educadores? A alternativa possível parece ser a de construir espaços de resistência, potencializando a reflexão crítica, a formação comprometida com as transformações sociais e a construção de práticas sociais baseadas em valores éticos. Além disso, devem adotar práticas político-pedagógicas democráticas e fomentar o respeito à diversidade humana e à cidadania. Estes e outros temas são debatidos no presente volume da Revista Contexto e Educação. Boa leitura a todos.

Ijuí, setembro de 2002

Gilmar Antonio Bedin

Editor